

A NECRÓPOLE TARDO-ROMANA E MEDIEVAL DE TALAÍDE (CASCAIS) ESTUDO PRELIMINAR

Guilherme Cardoso – João Luís Cardoso***

INTRODUÇÃO

Desde 1972, que um de nós (G. C.) vem procedendo, de forma sistemática, a prospecções arqueológicas na área do concelho de Cascais; os resultados obtidos nos vinte anos decorridos desde então já foram publicados, em síntese, em 1991.¹

Em Maio de 1975, no decurso da prospecção da área nordeste do concelho, na periferia da povoação de Talaíde, detectou vestígios de uma antiga necrópole (Fig. 1), constituída por restos humanos que justificaram trabalhos arqueológicos ulteriores, que conduziram aos resultados agora sumariamente apresentados.

Os primeiros testemunhos foram observados nos taludes de dois arruamentos perpendiculares de uma urbanização em fase inicial de construção; eram nítidas algumas lajes, dispostas tanto vertical como horizontalmente, as quais definiam sepulcros, bem evidenciados pelos ossos que emergiam dos cortes do terreno. Alguns deles jaziam mesmo sobre os lancis dos passeios, ali colocados pelos operários, que os confundiram com ossos de animais provenientes de uma vacaria existente nas proximidades.

A situação impunha rapidez de actuação. Alertadas, a Comissão Administrativa da Câmara de Cascais e a Junta Nacional de Educação, ini-

ciaram-se as escavações, sob responsabilidade dos signatários, nesse mesmo mês de Maio de 1975.

TRABALHOS REALIZADOS

A necrópole desenvolvia-se na encosta direita da ribeira de Talaíde, de pendor suave, voltada a nascente. Aquando da sua descoberta, situava-se em terrenos agrícolas, ora urbanizados, afastados do então núcleo da povoação cerca de 200 metros. Os dois arruamentos atrás referidos haviam destruído cerca de um terço da primitiva área do cemitério; do lado oriental, porém, a destruição foi consumada já depois de iniciadas as escavações, pelo receio dos empresários de verem atrasados os trabalhos de construção. Desta forma, explorámos apenas cerca do terço restante, correspondente a um rectângulo de 190 m² (16 x 12 m). Com efeito, atendendo à existência de sepulturas seccionadas pelos taludes, interessava a realização de uma escavação em extensão, com vista à identificação do espaço restante ocupado pela necrópole. Para o efeito, numa primeira fase, executaram-se sanjas perpendiculares com 0,5 m de largura afastadas 2 m –que permitiram confirmar a presença de sepulturas ainda intactas– as quais depois foram alargadas. No final dos trabalhos, a área encontrava-se escavada até ao substrato geológico, constituído por margas esbranquiçadas do Cenomaniaco (Cretácico), permitindo evidenciar o desenvolvimento e disposição das estruturas, que foram integralmente escavadas.

* Da Associação Cultural de Cascais.

** Do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Câmara Municipal de Oeiras.

1. CARDOSO, G., 1991. *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*, C. M. C., Cascais.

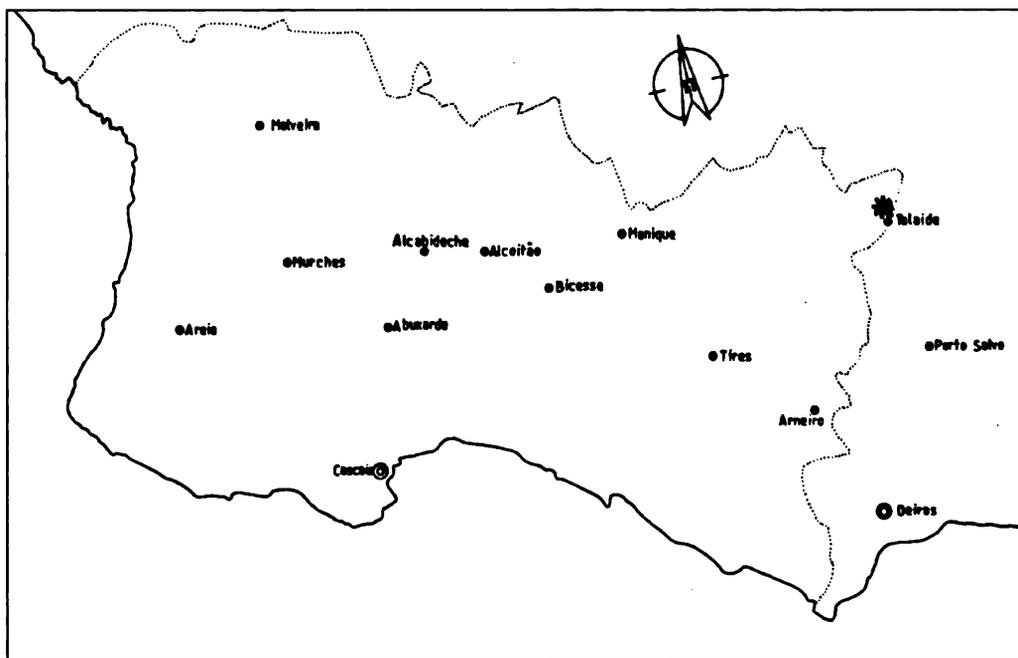


Figura 1. Localização da necrópole de Talaíde, na área do concelho de Cascais.

RESULTADOS OBTIDOS

As sepulturas

A escavação das 29 sepulturas identificadas permitiram individualizar os seguintes tipos (Fig. 2):

Tipo 1 - Sepulturas do tipo «caixa», de planta rectangular ou trapezoidal, delimitadas por ortóstatos, cobertas por lajes dispostas transversalmente (n.º 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 20, 22, 23, 24, 26, 28 e 29); podendo reconhecer-se duas variantes:

- Variante A - com fundo forrado de lajes (n.º 24).
- Variante B - com o espaço sepulcral incompletamente delimitado por ortóstatos (n.º 9 e 18).

Tipo 2 - Sepultura do tipo «covacho» desprovida de ortóstatos laterais, coberta por lajes dispostas transversalmente (n.º 1, 10, 15, 21, 25 e 27).

Tipo 3 - Sarcófago aparelhado em monólito de arenito, apenas representado por um exemplar, já destruído, existente na zona oriental da necrópole (s/ n.º).

A petrografia dos ortóstatos documenta o aproveitamento de materiais locais: calcários e basaltos, não aparelhados. É exceção a ocorrência de dois blocos aparelhados, um de arenito (sepultura 7), outro de mármore –fragmento de placa serrada (sepultura 28).

Por sua vez, o emprego de telhas (*imbrices*) e

tijolos, normalmente fragmentados, é, também, excepcional. Tal como os elementos anteriores, documentam a reutilização de materiais de construção, em geral para a colmatação de fendas ou juntas das tampas e esteios. Assim se explica, também, a ocorrência excepcional de *opus Signinum*, preenchendo a junta dos dois esteios conservados de sepultura 11, após o seu corte pelo arruamento.

Ritos funerários

Na parte escavada, trata-se de uma necrópole exclusivamente de inumação. Os mortos eram depositados no interior da sepultura na posição de decúbito dorsal.

Uma mesma sepultura serviu, frequentemente, a mais deposições, com exceção das do tipo 2. Porém, apenas em dois casos os corpos se encontravam sobrepostos: trata-se das sepulturas 6 e 8, que denunciavam dois momentos construtivos. Do mais antigo (da n.º 6), apenas se conserva a metade superior de dois esqueletos, depositados ao mesmo tempo. Em geral, os restos ósseos dos esqueletos pré-existentes eram removidos conservando-se, porém, os crânios e, por vezes, alguns ossos longos; noutros casos, os ossos eram colocados no exterior das sepulturas,



Figura 2. Panorâmica da necrópole.

lateralmente; excepcionalmente, na sepultura 7, constituíram um amontoado circular, delimitado por pequenas pedras, sobre as lajes da parte inferior do tampo.

Os corpos normalmente não seriam cobertos de terra, como sugere a cuidadosa colmatação das fendas das estruturas tumulares. Tal hipótese é confirmada no caso da sepultura 7, que, por se encontrar a uma maior profundidade, não fora afectada no decurso das lavras pelo arado.

A existência de caixões de madeira é demonstrada pela ocorrência de pregos de ferro (sepulturas 22 e 28) e também pela geometria das sepulturas do tipo 2: as lajes de cobertura encontravam-se abatidas para o interior destas, o que teria acontecido em consequência do apodrecimento da madeira do ataúde.

O espaço ocupado pela necrópole seria objecto de permanente cuidado: as sucessivas deposições de corpos, bem como a limpeza das áreas envolventes geraram detritos que eram amontoados em local periférico da necrópole (Fig. 3).

Trata-se de um «moledo», constituído por

materiais heterogéneos: fragmentos de telhas e tijolos, *opus Signinum* e pedras.

A observação da Fig. 2 evidencia diversos agrupamentos de sepulturas, provavelmente de carácter familiar. A mesma figura mostra que há quase uniformidade na respectiva orientação, com a cabeceira voltada a poente; esta regra tem, contudo, excepções (sepultura 27, com a cabeceira do lado Norte). Em trabalho que temos em preparação será discutida esta questão, nomeadamente quanto às pequenas variações observáveis na orientação das sepulturas, que poderão relacionar-se com a variação anual do azimute de nascimento do sol.

Artefactos

Os artefactos foram recolhidos no interior das sepulturas, fazendo parte de oferendas funerárias ou da própria indumentária dos indivíduos, ou, mais raramente, junto da antiga superfície do terreno. Neste caso, integra-se apenas a lâmina de

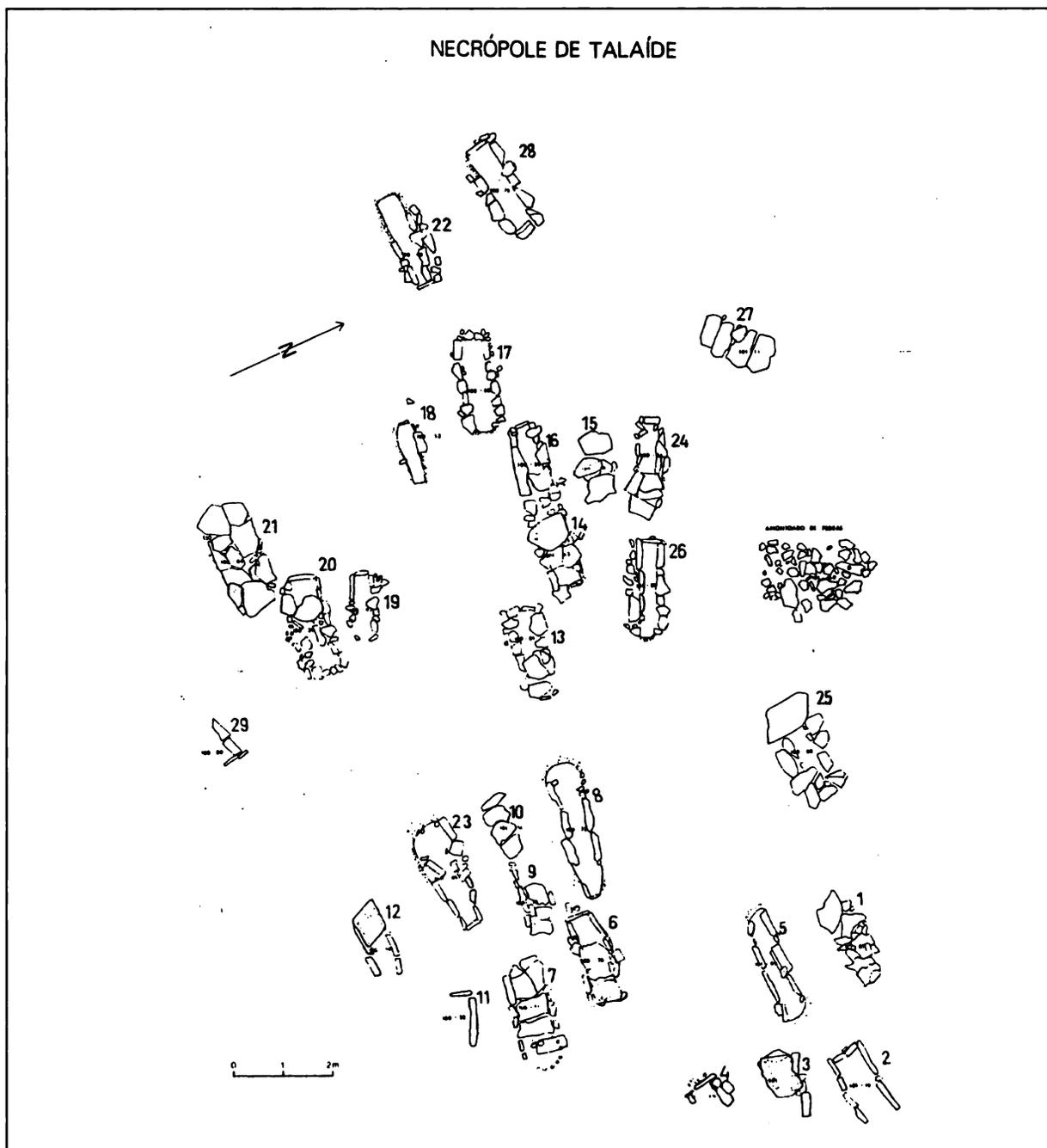


Figura 3. Planta da área escavada da necrópole.

uma foice de ferro, de gume liso, recolhida entre duas lajes da sepultura 14. Poderia ter sido utilizada na limpeza de ervas da área do cemitério, visto ser do mesmo tipo descrito para a época romana, em Conimbriga.²

No grupo de objectos de adorno metálicos, incluem-se brincos, braceletes, fivelas e placas zoomórficas de decoração, todas de bronze ou cobre, excepcionalmente de prata (anéis). Várias contas de colar, recolhidas na sepultura 2, são de âmbar e de vidro.

Três moedas do Baixo Império, da sepultura 12, atestam a sobrevivência do pagamento do óbolo a Caronte.

2. ALARCÃO, J.; ÉTIENNE, R.; ALARCÃO, A.M.; PONTE, S., 1979. *Fouilles de Conimbriga*, VII, p. 162, nº. 72-81, Paris.

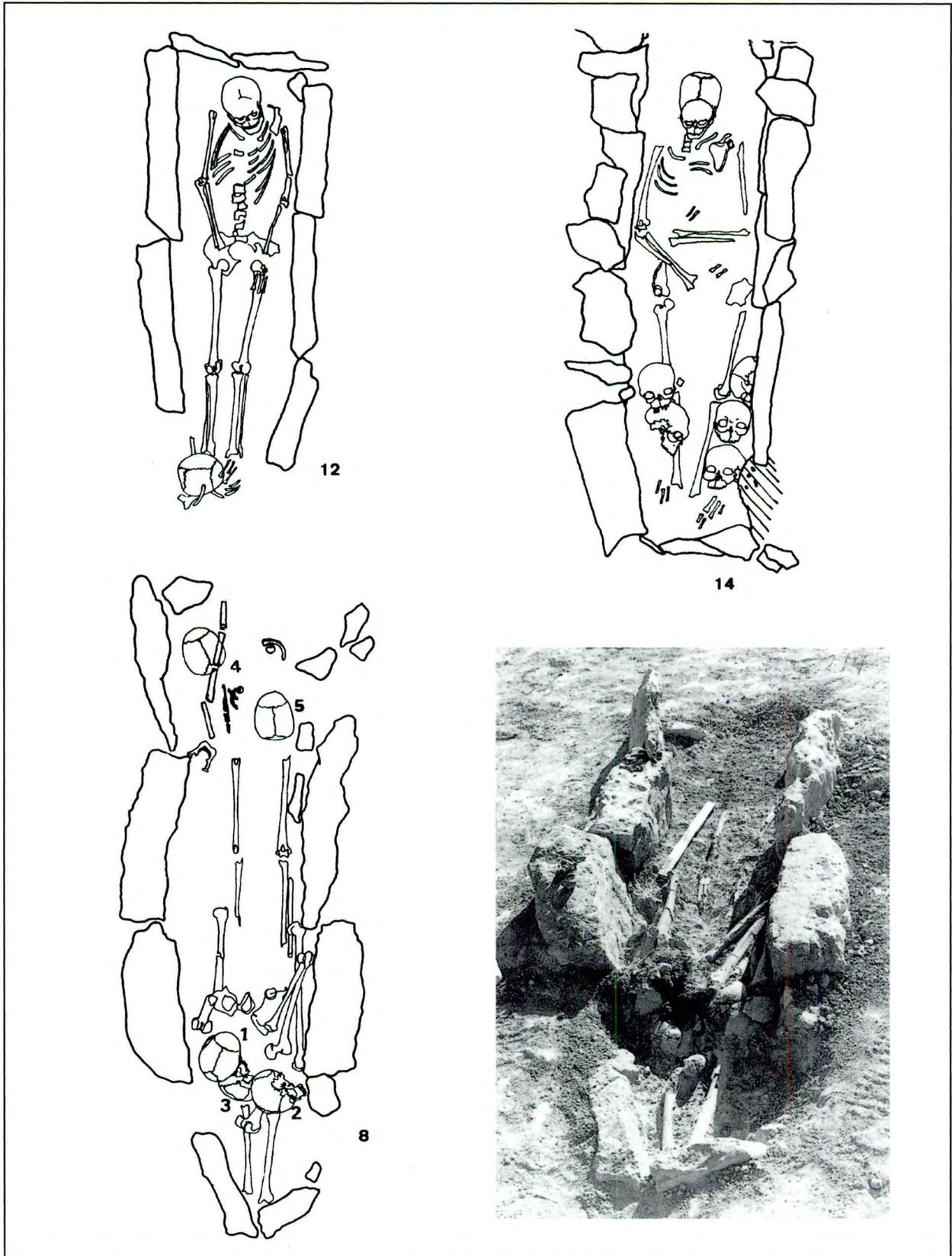


Figura 4. Plantas das sepulturas: 8, 12 e 14. Escala 1:16 (desenhos de João Amoedo).
Foto da sepultura 8, durante os trabalhos de escavação.

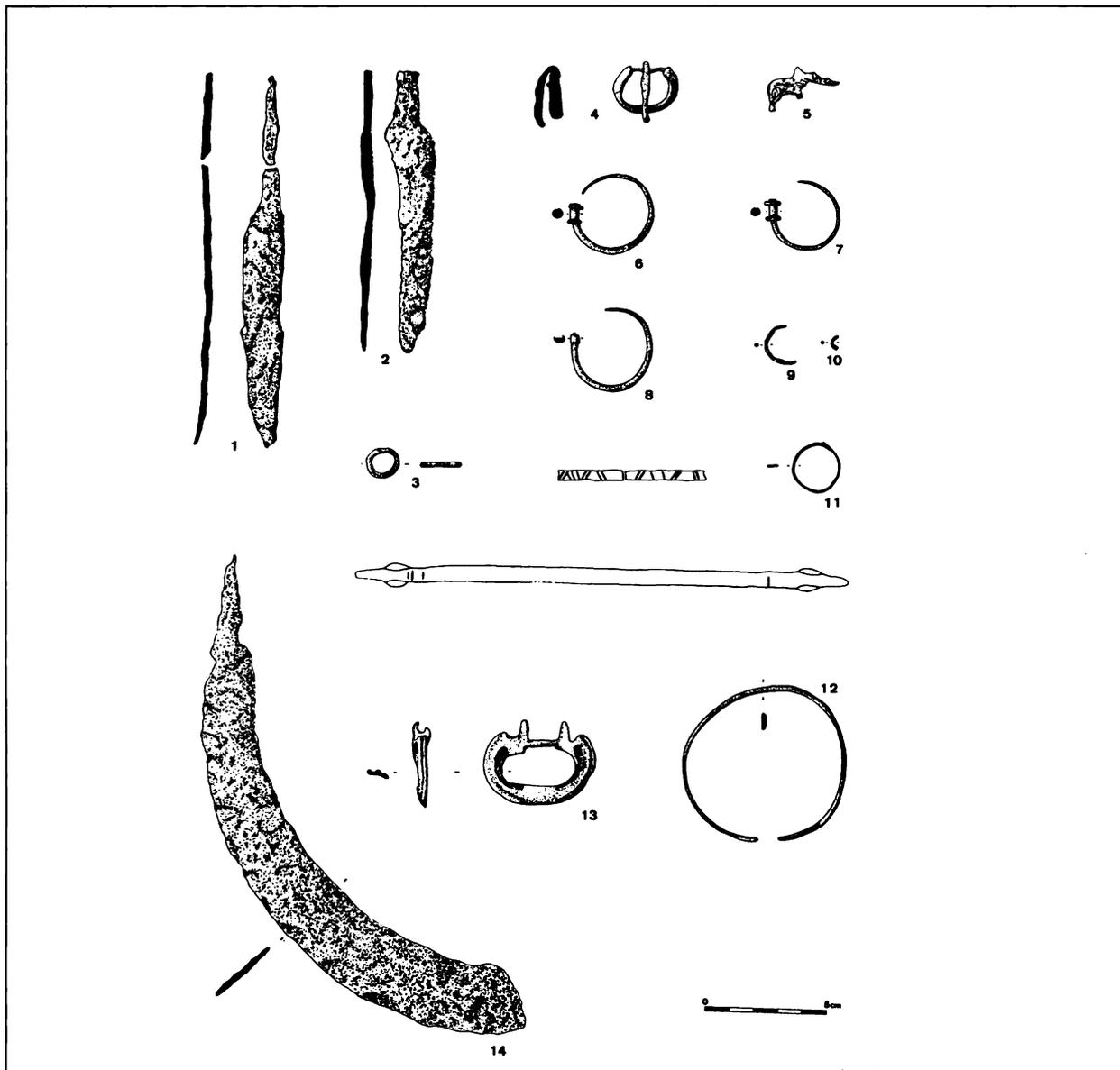


Figura 5. Objectos da sepultura 8 n.º: 1 e 2 facas, 3 e 4 fivelas; 5 placa decorativa zoomórfica. Sepultura 12 n.º: 6 a 8 brincos; 9 anel; 10 fragmento de argola; 11 anel em fita aberta; 12 bracelete decorado com cabeças de ofídios. Sepultura 14 n.º: 13 fivela; 14 lâmina de foice (desenhos de Severino Rodrigues).

Duas facas de ferro, associadas em posição inversa, foram encontradas na sepultura 8.

CRONOLOGIA E INTEGRAÇÃO CULTURAL

Datações 14C

Com o apoio do I. P. P. C. submeteram-se a análise, no LNETI - ICEN, restos ósseos humanos de 4 conjuntos. Os resultados obtidos são os seguintes:

1. *Materiais de superfície recolhidos nas terras de remeximento.*

ICEN-94 - 1730 ± 80 BP; ao calibrar a data obtida utilizando a curva de Stuiver e Pearson (Radiocarbon, 28 (2B), 1986, pp. 839-862) obtêm-se intercepções em 261, 288 e 327 cal DC e os seguintes intervalos:

Para 1 sigma - 220- 406 cal DC.

Para 2 sigma - 110-450 cal DC.

2. *Sepultura 8.*

ICEN-791 - 1770 ± 60 BP; ao calibrar a data

obtida pelo método referido, obtém-se intercepção em 244 cal DC e os seguintes intervalos:

Para 1 sigma - 145-166 cal DC; 183-269 cal DC; 272-338 cal DC.

Para 2 sigma - 110-410 cal DC.

3. Sepultura 12.

ICEN-729 - 1440 ± 70 BP; data calibrada pelo método anterior: 621 cal DC, com os seguintes intervalos:

Para 1 sigma - 553-658 cal DC.

Para 2 sigma - 440-680 cal DC.

4. Sepultura 14

ICEN - 793 - 1130 ± 90 BP; data calibrada pelo método anteriormente referido: 894 cal DC, a que correspondem os seguintes intervalos:

Para 1 sigma - 785-1000 cal DC.

Para 2 sigma - 680-1040 cal DC.

Os critérios que conduziram à escolha das referidas sepulturas basearam-se na presença de materiais arqueológicos. Assim, das sepulturas 8, 12 e 14, provêm os materiais da fig. 5.

Estamos, portanto, perante uma cronologia lata, para a utilização desta necrópole.

A data mais recuada -244 cal DC, obtida para a sepultura 8- pode ser estendida, considerando um intervalo de 2 sigma, do princípio do século II aos começos do século V d.C. Considerando o espólio arqueológico respectivo (Fig. 5, nº. 1 a 5), verifica-se a existência de um elemento dissonante a esta cronologia: trata-se da aplicação da aljava das facas ali recolhidas, figurando um elefante recortado em placa metálica decorada a punção, característico da arte decorativa germânica. A validade desta conclusão encontra-se, porém, limitada pelo facto de não dispormos de elementos de comparação suficientes para Portugal. O único artefacto comparável provém da vizinha necrópole de Casais Velhos (Cascais), de cronologia mal conhecida.

Quanto à tipologia da fivela, segundo ZEISS³ integra-se no período tardo-romano, portanto em sintonia com a datação obtida.

Quanto às duas facas, Santa-Olalla⁴ considera que é no período visigótico que nas necrópoles mais armas aparecem. Em Duratón, peças análo-

gas foram situadas no século VI d.C. por Molinero.⁵ A disparidade verificada quanto à datação pode resultar de esta ter sido feita sobre ossos de uma inumação mais antiga, das seis que foram verificadas no seu interior.

O espólio da sepultura 12, a mais rica das exploradas (Fig. 4, nº. 6 a 11), indica o século VII d.C. por Almagro:⁶ na necrópole de Duratón, a associação a uma fíbula do tipo 2 de Zeiss, indica um intervalo da segunda metade do século VI ao início do VIII d.C. (MOLINERO, 1948).

No espólio da sepultura 14 (Fig. 4, nº. 13), avulta a fivela, cuja tipologia Santa-Olalla⁷ situa entre o início do século VII d.C. e o início do seguinte. A datação, embora sugerindo data mais tardia, abarca aquele período, considerando o intervalo máximo de 2 sigma. Porém, estamos numa situação análoga à da sepultura 8.

Em conclusão, estamos em presença de uma necrópole que poderá situar-se entre o século III e os inícios do VIII d.C., pela tipologia das peças mais importantes. Pelas datações radiométricas efectuadas verifica-se o seu prolongamento até à segunda metade do século seguinte, não sendo possível demonstrar através dos objectos recolhidos, devido, certamente, à ausência destes para lá do século VIII d.C.

Demonstrada a amplitude cronológica da utilização da necrópole, há que aceitar uma maior longevidade dos ritos e práticas funerárias evidenciadas pela homogeneidade dos espólios e características das sepulturas. As representações de cabeças de ofídios dos braceletes das sepulturas 4 e 12 atestam a sobrevivência de cultos orientais de Ísis e Serápis. Ainda hoje, no nosso país, se comercializam cabeças de víbora, para dar sorte e protecção contra o mau olhado. O óbolo a Caronte documentado na sepultura 12 é outra evidência da manutenção de tais tradições.

A necrópole de Talaíde é, pois, um exemplo de marcada continuidade de costumes: ao longo de cerca de 500 anos, apesar das alterações introduzidas ao nível das práticas funerárias pelo

3. ZEISS, H., 1934. *Die grabfunde aus dem Spanischen Westgotenreiche*, p. 89, Berlin.

4. SANTA-OLALLA, J.M., 1934. Esquema de la Arqueología visigoda, *Investigación y Progreso*, VIII, p. 107, Madrid.

5. MOLINERO, A.P., 1948. La Necrópolis Visigoda de Duratón (Segovia), *Acta Arqueológica hispánica*, IV, p. 131, Madrid.

6. ALMAGRO, M.B., 1975. La Necrópolis Hispano-Visigoda de Segobriga Salelices (Cuenca), *Excavaciones Arqueológicas en España*, p. 18, Madrid.

7. SANTA-OLALLA, ob. cit., p. 109.

crislianismo, efectuadas no interior das urbes, na periferia ou mesmo dentro dos templos, em Talaíde continuou-se a sepultar os mortos fora da antiga povoação (embora também tenhamos conhecimento da existência de sepulturas na área desta, presumivelmente da mesma época, pelos testemunhos orais recolhidos).

A procura incessante que fizemos, a partir da data da escavação, de achar paralelos para os

objectos recolhidos tem-nos posto problemas de carácter cronológico que não estávamos à espera de encontrar. Tais dificuldades ficaram a dever-se, em parte, à raridade dos trabalhos sobre este período conturbado da história da Europa. Faltam monografias sistemáticas locais, salvo raras excepções, o que dificulta extraordinariamente o estudo comparativo.